

Comentários nas mídias sociais e a banalização da violência psicológica contra as mulheres

*Comments on social media and the trivialization
of psychological violence against women*

*Comentarios en las redes sociales y la banalización
de la violencia psicológica contra las mujeres*

*Camila Florim**

*Leticia Harumi Kobashigawa***

*Manoela Koury de Lima****

*Tamires Barbosa de Moura*****

*Andressa Melina Becker da Silva******

Resumo

A violência psicológica é frequente, porém, de difícil detecção, muitas vezes presente em relacionamentos abusivos e confundida com ciúmes e cuidado. Nas mídias sociais isso pode ser incentivado através de postagens, assim como pode servir de espaço de suporte e compartilhamento de experiências. Objetivou-se analisar comentários publicados em mídias sociais relacionados à violência contra a mulher e sua associação à violência psicológica. Utilizou-se o método da netnografia, através de análise textual dos comentários de

* Universidade de Sorocaba, SP, Brasil. <http://orcid.org/0000-0003-4363-6749>. E-mail: camilaa.florim@hotmail.com

** Universidade de Sorocaba, SP, Brasil. <http://orcid.org/0000-0003-1563-5757>. E-mail: leticiahkoba@gmail.com

*** Universidade de Sorocaba, SP, Brasil. <http://orcid.org/0000-0001-8435-7805>. E-mail: manoelakourylimao5@gmail.com

**** Universidade de Sorocaba, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1975-0568>. E-mail: tamireszbarbosa@gmail.com

***** Universidade de Sorocaba, SP, Brasil. <http://orcid.org/0000-0001-5630-7843>. E-mail: andressa_becker@hotmail.com

um vídeo publicado na rede social Facebook chamado: “Não confunda amor com abuso”. Foram transcritos 571 comentários da publicação, sendo o corpus analisado pelo software Iramuteq. Os comentários analisados mostram que questões culturais contribuem para a banalização da violência contra a mulher, principalmente da violência psicológica, pois geralmente só é considerado como violência quando há agressão física. Percebe-se a importância de um trabalho de psicoeducação, como por exemplo através de vídeos orientativos, visando a conscientização da população e possível redução da violência.

Palavras-chave: Violência psicológica; Relacionamento abusivo; Mídias sociais.

Abstract

Psychological violence is frequently encountered but often difficult to detect, as it is commonly present in abusive relationships and can be mistaken for jealousy and care. In the realm of social media, it can either be encouraged through posts or serve as a space for support and the sharing of experiences. The objective of this study was to analyze comments posted on social media platforms related to violence against women and its association with psychological violence. The netnography method was employed, involving textual analysis of comments on a video posted on the social media platform Facebook, titled “Não confunda amor com abuso” (Do Not Confuse Love with Abuse). A total of 571 comments from the post were transcribed and analyzed using the Iramuteq software. The analyzed comments reveal that cultural factors contribute to the trivialization of violence against women, particularly psychological violence, since the term violence is often only recognized when it escalates to physical aggression. The significance of psychoeducational efforts, such as informative videos, becomes apparent in raising awareness among the population and potentially reducing instances of violence.

Keywords: Psychological violence; Abusive relationships; Social media.

Resumen

La violencia psicológica es frecuente, sin embargo, difícil de detectar, a menudo presente en relaciones abusivas y confundida con celos y cuidados. En las redes sociales, esto se puede fomentar a través de publicaciones, así como un espacio de apoyo e intercambio de experiencias. El objetivo fue analizar los comentarios publicados en las redes sociales relacionados con la violencia contra las mujeres y su asociación con la violencia psicológica. Se utilizó el método de la netnografía, mediante el análisis textual de los comentarios de un video publicado en la red social Facebook denominado: “Não confunda amor com abuso”. Se transcribieron 571 comentarios de la publicación, siendo analizado el corpus por el software Iramuteq. Los comentarios analizados muestran que las cuestiones culturales contribuyen a la banalización de la violencia contra

la mujer, especialmente la psicológica, ya que generalmente solo se considera violencia cuando hay agresión física. Uno se da cuenta de la importancia del trabajo psicoeducativo, por ejemplo, a través de videos de orientación, destinados a sensibilizar a la población y posible reducción de la violencia.

Palabras clave: *Violencia psicológica; Relación abusiva; Redes sociales.*

A violência contra a mulher é considerada um problema de saúde pública, devendo ser discutida na sociedade brasileira. Pode-se relacionar o elevado índice de casos de violência contra a mulher com relação a valores culturais e patriarcais machistas, ainda presentes em nossa sociedade, estando também relacionados a casos de desigualdades sociais de poder e gêneros (Fundação Perseu Abramo, 2010). Uma pesquisa realizada no Brasil pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública revelou que no ano de 2017 a porcentagem de mulheres entrevistadas que relataram ter sofrido algum tipo de assédio, violência psicológica ou física foi de 28,60%. Já no ano de 2019, o número de mulheres nesta situação foi de 27,40%. Esta pesquisa ressalta a importância da conscientização a respeito do tema, enfatizando que cerca de 16 milhões de mulheres sofreram algum tipo de violência no período analisado no Brasil. Dentre as entrevistadas (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019), 76,40% relatam que foram violentadas por pessoas de seu convívio. Os vínculos com o agressor que mais foram citados são, 23,80% sendo seus companheiros, 15,20% sendo seus ex-companheiros e 21,10% sendo seus vizinhos.

A violência contra a mulher existe desde os primórdios da sociedade, entretanto, passou-se a compreender a gravidade da temática, no nosso país, a partir do século XVIII, com o movimento feminista no Brasil (Guimarães & Pedroza, 2015). O movimento feminista é considerado como uma teoria crítica em constante desenvolvimento, atuando na sociedade em razão da desigualdade de gênero existente na mesma. Tem como objetivo a luta pelos direitos das mulheres e visa a igualdade e justiça social, através de um movimento político que reúne discursos para alcançar seus objetivos (Campos, 2017).

De acordo com Guimarães e Pedroza (2015), a partir da década de 60 o movimento feminista no Brasil inquiriu o rompimento com as dicotomias entre o público e o privado reivindicando responsabilidades do Estado e da sociedade com o intuito de garantir a todas(os) o respeito, enfatizando a dignidade humana e uma vida sem violência. A partir de então, observou-se diversas denúncias com relação à esta violência. Apesar de existir o avanço nas discussões sobre violência contra mulher e a tentativa de conscientização a respeito do tema, nota-se que muitas vezes, ainda permanece o pensamento populista que “em briga de homem e mulher, não se mete a colher” (Guimarães & Pedroza, 2015). Esse simples ditado ocultou o sofrimento e até mesmo a morte de muitas mulheres ao longo dos anos. Foi somente a partir do final da década de 1970 e início da de 1980 que as manifestações protagonizadas pelos movimentos feministas demonstraram sua indignação contra a negligência do Estado e da sociedade diante do julgamento de casos de homicídios de mulheres sob a justificativa que aconteciam “em defesa da honra” ou “por amor”, ocasionando a absolvição ou uma reduzida pena para os agressores. (Queiroz, Diniz, Costa, Almeida, Pereira, & Leite, 2019)

A violência pode acontecer dentro dos relacionamentos, entre os parceiros íntimos, independente da coabitação (Krug et al., 2002), entretanto, durante o período de distanciamento social, necessário para a contenção da Pandemia da COVID-19, houve um aumento do número de denúncias de violência contra a mulher. De acordo com dados da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), durante o período entre 1 e 25 de março de 2020, foi observado um aumento de 18% de denúncias sobre violência doméstica, registradas pelos serviços do Disque 100 e Ligue 180 (Vieira, Garcia, & Maciel, 2020). Esses dados mostram que as vítimas não estão seguras nem mesmo dentro de suas próprias casas. Deveria ser direito básico, presente na vida das mulheres, poder desfrutar do lar sendo um ambiente seguro, de descanso e proteção, entretanto, este é um privilégio de gênero, não sendo presente em muitas famílias (Silva, Medeiros, Nascimento, & Duarte, 2018). Observa-se que no contexto do distanciamento social é mais frequente que as mulheres sejam vigiadas e

impedidas de conversar com familiares e amigos, aumentando a possibilidade de ação para a manipulação psicológica (Vieira, Garcia, & Maciel, 2020). Isso demonstra ainda mais a importância da conscientização, mas também de ações virtuais, que possam ser acessadas, mesmo em períodos de distanciamento social.

A lei N. 11.340 no ano de 2006, conhecida popularmente como Lei Maria da Penha, apresenta uma classificação dos tipos de violência contra a mulher (Instituto Maria da Penha, 2018) de forma acessível, para que fosse possível a compreensão a respeito do tema abordado, principalmente para pessoas leigas sobre o assunto. A violência física é classificada como qualquer comportamento que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher (Instituto Maria da Penha, 2018). A violência psicológica é classificada como qualquer conduta que cause dano emocional, redução da autoestima, prejudique o desenvolvimento da mulher ou vise controlar suas ações, crenças, comportamentos e decisões, podendo ser controlado por ameaças, insultos, manipulações, humilhações, chantagens, entre outros comportamentos dos agressores (Instituto Maria da Penha, 2018). A violência sexual é classificada como qualquer conduta que venha a constranger ou forçar a participação sexual da mulher, sem sua vontade e autorização (Instituto Maria da Penha, 2018). A violência patrimonial é classificada como qualquer ato que configure retenção, subtração, destruição de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos (Instituto Maria da Penha, 2018). A violência moral é classificada por qualquer comportamento que seja categorizado como calúnia, difamação ou injúria (Instituto Maria da Penha, 2018).

Porém, mesmo após a “Lei Maria da Penha”, a violência contra a mulher ainda é uma situação socialmente aceita e vista como algo natural dentro de um relacionamento. Uma das violências mais naturalizadas pela sociedade é a violência psicológica contra a mulher, cometida, principalmente, por seus parceiros. Há uma naturalização da violência quando psicológica, devido a uma cultura de subordinação da mulher ao homem de quem ela é considerada alienável, sendo muitas vezes considerada violência somente quando já houve agressão física (Silva et al., 2018).

A violência psicológica é considerada uma violência invisível pois, geralmente, quando a violência é praticada através de palavras, xingamentos, frases desrespeitosas, humilhações em casa ou em público, pode não ser vista como agressão (Queiroz & Cunha, 2018). Esse tipo de violência é muito praticado dentro das relações conjugais, e é uma prática considerada comum e em poucos casos, visto como uma forma de abuso. A prática dessa violência tem como característica comportamentos, em muitos casos, sutis e discretos, porém, que são realizados com intenção de causar sofrimento à outra pessoa. Tem seu desenvolvimento de forma silenciosa e progressiva e, mesmo não sendo de fácil identificação, deixa marcas em todos os envolvidos (Queiroz & Cunha, 2018).

Como é uma violência que não deixa marcas aparentes, até a vítima, em muitos casos, não consegue reconhecer que está sendo vítima de uma violência psicológica. Mesmo que, a cada dia, o comportamento do parceiro vá diminuindo seu bem-estar e sua autoestima, criando um estado de confusão e incapacidade (Queiroz & Cunha, 2018). Quando a vítima começa a identificar os comportamentos abusivos do companheiro, em muitos casos, começa a se sentir confusa em relação aos sentimentos, envolvendo o agressor e a violência sofrida. A vítima precisa lidar com sentimento de culpa por passar por essa situação, sentimentos de vergonha e medo de ser humilhada, receio de falar qualquer coisa que possa a vir desagradar o parceiro, além da esperança de que o companheiro possa mudar (Silva et al., 2018)

A violência contra a mulher, atualmente, vem ocorrendo também no ambiente virtual, por meio da influência da mídia e das redes sociais, algumas propagandas, piadas ou cenas de novela/programa de TV continuam a propagar, ainda que de forma subliminar, ideias machistas que pregam a mulher como ser frágil e inferior ao homem e reforçam estereótipos e preconceitos (Curty, Crespo, Brito, Moreira, & Cabral, 2018). É necessário discutir de que forma as redes sociais virtuais influenciam na construção de pensamentos e opiniões sobre discussões importantes, como a da violência contra a mulher. As redes sociais, de fato, têm o poder de transformar o modo com que a sociedade se comporta, influenciando

rapidamente a opinião pública por meio do compartilhamento extremamente veloz de informações, o que está acarretando uma verdadeira revolução (Barros, Carmo, & Silva, 2012).

Nesse sentido, o presente estudo objetiva analisar comentários publicados em mídias sociais relacionados à violência contra a mulher e sua associação à violência psicológica. Mais especificamente pretende-se verificar se os comentários em mídias sociais abordam uma banalização da violência contra a mulher e do relacionamento abusivo; analisar se há mais suporte ou mais críticas em resposta a esses comentários relacionados a violência contra a mulher nas mídias sociais; analisar os comentários classificados como críticos ao tema do vídeo. Como hipóteses postula-se que: (i) em muitos casos a violência psicológica é menosprezada ou desconsiderada, pois entende-se como violência contra a mulher apenas a violência física; (ii) há mais críticas do que suporte para quem faz postagens relacionadas à violência psicológica contra a mulher; (iii) há muitos comentários em forma de humor sobre o tema.

MÉTODOS

A metodologia utilizada na pesquisa foi a netnografia, que é um método de pesquisa, baseado na observação participante e no trabalho de campo online, que utiliza as diferentes formas de comunicação mediada por computador como fonte de dados para a compreensão e a representação etnográfica dos fenômenos culturais e comunais (Corrêa & Rozados, 2017). A netnografia é utilizada em levantamento de dados em meios virtuais, onde o conhecimento está atrelado a cibercultura (Mesquita, Matos, Machado, Sena, & Baptista, 2018).

Esse método de pesquisa, não trata as comunicações realizadas no ambiente digital como conteúdo, mas como interações sociais, expressões carregadas de significado e artefatos culturais (Corrêa & Rozados, 2017). A netnografia possibilita o encurtamento da distância entre tempo e espaço devido à própria dinâmica da Internet, em que os agrupamentos sociais estão dispostos em rede. Tais agrupamentos podem funcionar somente no espaço *online*, como também podem coexistir fora dele, no espaço *offline*

(Silva, 2015). Como esta pesquisa *online* não apresenta a identificação do indivíduo, e analisa conteúdos publicados e disponibilizados na internet, dispensa-se o parecer do Comitê de Ética de Pesquisa segundo a Resolução Nº 510 de 2016 (Conselho Nacional de Saúde, 2016).

Fonte dos dados

Para a coleta de dados, utilizou-se a rede social *Facebook*, pois, segundo o relatório *Digital in 2019*, do site *We Are Social*, é a rede social mais utilizada pelos brasileiros atualmente. O vídeo selecionado foi uma publicação da página “Quebrando o Tabu”, publicado no dia 28 de fevereiro de 2018, que tem como título “Não confunda amor com abuso”¹. A escolha desta publicação para a coleta de dados foi definida através de alguns critérios, como: ser de uma página com mais de um milhão de seguidores, considerando que esse número foi estabelecido pelo grupo através da perspectiva de que quanto mais usuários a página possuísse, maior seria a probabilidade de discussões nos comentários, bem como publicações de conteúdos políticos que gerem debate entre os usuários. A publicação escolhida deveria ser relacionada ao tema violência psicológica contra a mulher, ter mais de mil comentários e ter sido publicada no período de 2018 a 2020.

O vídeo escolhido para a análise foi um vídeo da organização norte-americana *DayOne - Love should always be safe*², que tem como objetivo acabar com o abuso no namoro e a violência doméstica por meio de educação comunitária, serviços de apoio, defesa legal e desenvolvimento de liderança. O vídeo é uma animação que tem como enredo um casal e o desenvolvimento de um relacionamento abusivo. No início a jovem se apaixona por um rapaz e tudo parece ir muito bem no relacionamento, porém, ao passar do tempo a jovem passa a ser alvo de situações extremas de controle em seu relacionamento, mostrando como se inicia este ciclo da relação abusiva, e para que não se confunda abuso com amor.

1 https://www.facebook.com/watch?ref=search&v=1810005585722487&external_log_id=af38ab3a-ba55-40af-9757-a575c2034d7a&q=n%C3%A3o%20confunda%20abuso%20com%20amor

2 Tradução livre das autoras: Amor deveria ser sempre seguro

Procedimentos e Análise de dados

Após a escolha do vídeo, foi aplicado aos comentários da publicação alguns critérios de inclusão e exclusão, a fim de filtrar os comentários a serem analisados. Os critérios de inclusão utilizados foram: comentários relacionados ao conteúdo do vídeo. Os critérios de exclusão utilizados foram: comentários com marcações de outras pessoas; comentários em outros idiomas; comentários repetidos; comentários em resposta a outro comentário anterior; comentários somente com *emojis*.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão nos comentários da publicação, realizou-se a análise textual dos comentários selecionados, utilizando o *software* Iramuteq. A análise textual é um tipo específico de análise de dados, que trata especificamente da análise de material verbal transcrito, ou seja, de textos produzidos em diferentes contextos (Salviati, 2017). Os comentários selecionados foram transcritos para o formato aceito pelo *software*, organizados em linhas de comando com as variáveis propostas para a análise, como número do comentário e gênero da pessoa que publicou o comentário.

O Iramuteq permite diferentes formas de análises estatísticas de textos, auxiliando na análise dos dados coletados para a discussão. Para esta pesquisa, o conteúdo lexical contido neste corpus foi subordinado à Análise Hierárquica Descendente (CHD), análise de similitude e a nuvem de palavras.

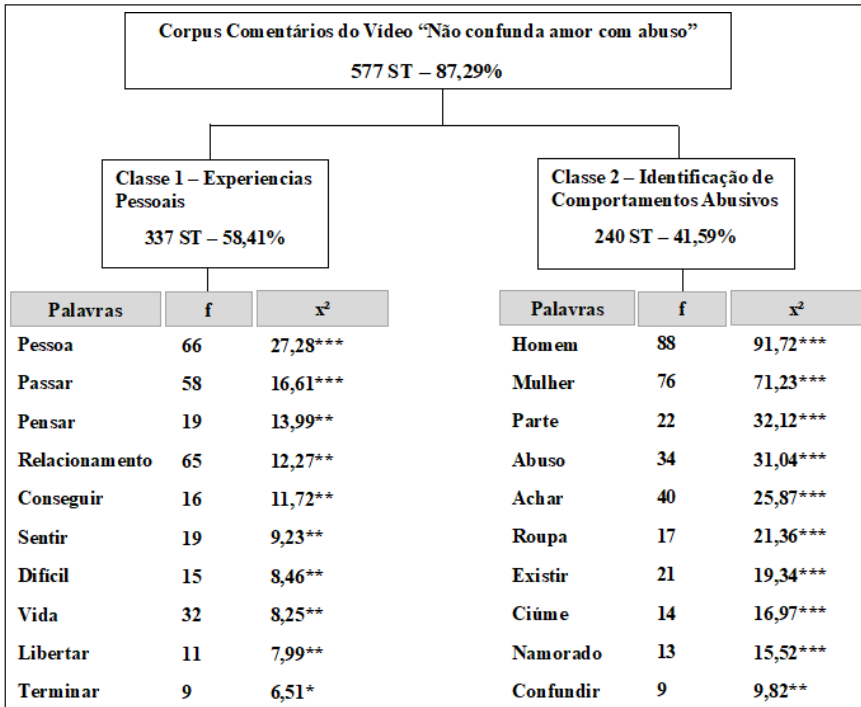
RESULTADOS

Na publicação do vídeo selecionado, foram analisados ao todo 10.540 comentários feitos na publicação, porém, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram transcritos 571 comentários na íntegra. Dos 571 comentários transcritos, observou-se que foram feitos por 564 perfis diferentes, sendo esses perfis classificados como 416 do gênero feminino, 144 como gênero masculino e 4 perfis classificados como gênero não definido.

A partir da análise dos comentários transcritos, foi observado que, dos 571 comentários lidos na íntegra, 479 eram comentários considerados

positivos, que demonstravam concordância com o tema do vídeo ou expressavam apoio e suporte às vítimas de violência psicológica. Também foram observados 87 comentários considerados negativos diante do vídeo apresentado. Esses comentários negativos, expressavam discordância com o tema do vídeo, relativizavam a violência sofrida pela vítima de violência psicológica, e criticavam a página “Quebrando o Tabu” por apresentar apenas a mulher como vítima no vídeo. Dos 87 comentários negativos, 60 comentários foram feitos pelo gênero masculino.

O corpus textual analisado pelo *software* Iramuteq apresentava os 571 comentários retirados da publicação do vídeo selecionado para uma análise monotemática. A primeira análise realizada foi através do método de Reinert, que propõe uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Esse tipo de análise visa obter classes de segmentos de texto (ST) que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si e vocabulário diferente das ST das outras classes (Salviati, 2017). Conforme a CHD, foram analisados 577 ST, de um total de 661 ST, em que foi gerado uma retenção de 87.29% do total. Os segmentos analisados foram distribuídos em duas classes formadas pelo Iramuteq, sendo elas: Classe 1, denominada experiências pessoais e Classe 2, denominada identificação de comportamentos abusivos (Figura 1).



Nota: * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$; *** $p \leq 0,001$, teste Qui-Quadrado, software Iramuteq.

Figura 1. Classificação Hierárquica Descendente de comentários do vídeo “Não confunda amor com abuso”.

A classe 1, nomeada como “Experiências Pessoais”, obteve 58.41% dos segmentos de texto. As palavras mais significativas para essa classe foram: pessoa, passar, pensar, relacionamento, conseguir, sentir, difícil, vida, libertar, terminar, entre outras (Figura 1). Essas palavras expressam relatos de pessoas que passaram por um relacionamento abusivo e mostram como conseguiram superar essa situação. É possível observar isso através dos comentários a seguir:

“Já passei por todos esses momentos em um relacionamento que tive. Pior que além de deixar marcas pro resto da vida eu não conseguia terminar o namoro porque eu o amava muito, mas conforme o tempo pensei que aquilo ninguém nessa vida deve passar e terminei.” (Comentário 083, gênero feminino);

“Pra quem já viveu um relacionamento abusivo de 3 anos é difícil confiar em alguém de novo, é difícil amar de novo, é difícil viver depois do fim, hoje sou feliz com uma pessoa que me respeita e me trata exatamente como mereço, bem diferente do que passei.” (Comentário 016, gênero feminino);

“Só quem já passou ou passa por isso, sabe o quanto é triste e ruim viver em relacionamento abusivo, onde uma pessoa te humilha e sente prazer em te ver mal, a gente acaba se culpando por determinadas situações.” (Comentário 018, gênero feminino);

“É, me vi nesse vídeo, já passei por isso quando tinha 26 anos de idade. Você não faz nada de errado, mas a pessoa que está contigo faz você se sentir culpada de tudo.” (Comentário 008, gênero feminino);

“Eu já vivi dessa forma, graças a Deus consegui me libertar. Fica a dica pra quem vive essa situação, se ame em primeiro lugar pode demorar, mas conseguimos nos livrar.” (Comentário 295, gênero feminino);

“Exatamente como me sentia, com meu ex. Nunca chegou a me encostar dedo, mas só o que ele falava atacava diretamente meu estima. Chegou a me dizer, que se terminasse com ele, seria difícil arrumar outra pessoa, porque homem não gosta de mulher que tem filho. E realmente a gente não percebe. Me sinto muito feliz hoje e com mais vida.” (Comentário 262, gênero feminino);

“Acabei de sair de um relacionamento assim, o pior é que eu me sinto culpada, por terminar, ele vem com show, dizendo que está mudando, que quer ficar comigo. Mas já foram tantas promessas, tantas coisas que eu aguentei calada achando que a culpa era minha. Talvez seja por eu ter deixado chegar nesse ponto. Parece que eu to sempre voltando.” (Comentário 243, gênero feminino).

A classe 2, denominada como “Identificação de comportamentos abusivos”, obteve 41,59% dos segmentos de texto. As palavras mais relevantes para essa classe foram: homem, mulher, parte, abuso, achar, roupa, existir, ciúme, namorado, confundir, entre outras (Figura 1). As palavras que compõem a classe 2 expressam alguns comportamentos que podem ser identificados em um relacionamento abusivo. Os comentários abaixo expressam esse contexto:

“O homem acha normal esse comportamento e a mulher também, porque foram ensinados assim. Conheço muitas mulheres que sofrem em relações abusivas principalmente psicologicamente, no entanto, não enxergam assim, acha que faz parte.” (Comentário 406, gênero feminino);

“Lembrando que, isso acontece muito com homens também. Já cansei de ver mulher falando que mexe em celular de namorado sim, que exclui contatos, que escolhe a roupa que vai sair, e nem deixa ter espaço com amigos.” (Comentário 368, gênero feminino);

“Essa ilustração é na minha opinião falha. Pois tanto homens como mulheres têm opiniões, e decisões, é simplesmente uma questão de escolha ou permissão se preferir.” (Comentário 425, gênero feminino);

“Que que tem haver com abuso? Achei *** (palavrão) que o vídeo mostra algo como se apenas o homem tivesse ciúmes, e gerasse esse cenário onde acaba se criando uma jaula de maus tratos.” (Comentário 325, gênero masculino);

“Realmente o vídeo mostra claramente o abuso por parte da mulher, pois apenas o homem se dedicou no relacionamento, cuidou dela, deu presentes, deu flores, mandou mensagens carinhosas no dia seguinte, e na primeira oportunidade ela trocou ele pelas amigas. Lamentável.” (Comentário 302, gênero masculino);

“Relacionamento abusivo tem tanto por parte do homem quanto da mulher, e quem é muito ciumento sempre acha que tá com razão. Quando se trata da mulher todo mundo acha bonitinho, fofo, e isso é perigoso também porque o hábito é incentivado. Quando se trata do homem não existe essa coisa de achar bonitinho, mas o problema é que pode ter um ou outro descontrolado que pode agredir.” (Comentário 116, gênero masculino);

“Querida saber por parte dos homens que vivem isso também. Tem aos montes os casos de mulher possessiva, histérica, ciumenta, obsessiva e etc, mas só vejo muita gente passando pano pra isso.” (Comentário 146, gênero masculino).

Outra análise realizada através do Iramuteq foi a análise de similitude, que apresenta em formato de grafo a ligação entre as palavras do *corpus textual*. A partir desta análise é possível inferir a estrutura de construção do texto e os temas de relativa importância, a partir da coocorrência entre as palavras. Ela auxilia o pesquisador na identificação da estrutura da base de dados (*corpus*), distinguindo as partes comuns e as especificidades, além de permitir verificá-las em função das variáveis descritivas existentes (Salviati, 2017). Através da análise de similitude foi possível verificar que as palavras que apresentaram mais destaque foram: relacionamento, pessoa, passar, vídeo e homem, como pode-se observar na Figura 2.

“Relacionamentos abusivos começam com ele romântico e amoroso até que se torna dono até dos seus costumes. Nunca permita alguém te colocar em um lugar abaixo do que você mereça! Se ame sempre, procure ajuda e não permita nenhum tipo de falso amor.” (Comentário 271, gênero feminino).

A palavra pessoa está ligada às palavras: amar, aceitar, errar, dever, gostar, pensar, entre outras. Essa relação entre as palavras demonstra relatos de pessoas que foram abusivas em relacionamentos passados, e se identificaram com o papel do abusador no vídeo. Pode-se observar nos trechos a seguir:

“Eu já fui um homem assim. Me arrependo amargamente das escolhas que fiz, das privações que acabei submetendo a pessoa que estava ao meu lado. Ser guiado por ciúmes, conceitos machistas e por sentimentos de posse, te levam a um caminho de desgraça, moldando seu caráter, escolhas e verdades que significam muito pra você, no mundo torto que criou. Mas na realidade, são mentiras vazias, baixa estima e falta de amor próprio. Esse é um caminho fadado ao fracasso, pra qualquer relacionamento. Estou evoluindo, buscando aprender com meus erros, me esforçando para não cometê-los novamente. Ninguém merece passar por situações desse tipo. Ninguém!” (Comentário 301, gênero masculino);

“Nessa animação foi retratado o homem como abusivo e controlador. Mas muitas mulheres são assim também, eu mesmo já fui assim, queria controlar tudo como se a pessoa fosse minha. Mas eu mudei, vi que as coisas não eram daquele jeito. Sou contra qualquer tipo de restrição, manipulação e controle. Tudo começa pelo respeito e diálogo, e claro, muito amor.” (Comentário 380, gênero feminino).

A palavra passar está ligada às palavras: vida, melhor, ser, começar, ano, novo, sair, entre outras. Essa relação entre as palavras associadas a “passar” mostra que é possível sair de um relacionamento abusivo, enfatizando que sempre há a possibilidade de recomeçar. Isso pode ser observado nos comentários relacionados abaixo:

“Já passei por isso, você se sente um lixo, você perde sua essência e acha que nunca vai ter forças para sair desse inferno. Muitas pessoas julgam e dizem “parece que gosta de sofrer, porque não sai disso “. Mas não é tão fácil assim, parecia que ele tinha poder sobre mim, me deixava tão mal que eu acreditava que era tudo aquilo que me dizia era verdade, e infelizmente isso deixa marcas doloridas. Mas eu quero dizer para quem esteja passando por isso,

seja forte, você não é aquilo que te dizem ser e você vai ficar bem sozinha, não precisa se submeter a essa humilhação, e quando acabar vai sentir como se tivesse tirado um peso das costas.” (Comentário 182, gênero feminino); “Esse vídeo retrata o que eu passei durante anos em minha vida, hoje estou liberta, feliz, e melhor ainda, conheci o verdadeiro amor.” (Comentário 216, gênero feminino).

A palavra vídeo está ligada às palavras: ver, abuso, amor, atitude, mostrar, psicológico, violência, próprio, confundir, sofrer, libertar, sentimento. Essa relação entre as palavras associadas à palavra vídeo, relata a respeito do objetivo principal do vídeo analisado, que é demonstrar o que é relacionamento abusivo e como ocorre a violência psicológica, foi alcançado. Através dos comentários, pode-se observar a compreensão da mensagem que o vídeo buscou transmitir, estando relacionada também na identificação de semelhanças nas experiências vivenciadas pelo público-alvo. Isso pode ser observado nos comentários relacionados abaixo:

“Vídeo sensacional. Serve de alerta pra muita gente por aí. Tem gente que chega achar bonitinho um amor assim. As flores também morrem.” (Comentário 121, gênero feminino);

“É, me vi nesse vídeo, já passei por isso quando tinha 26 anos de idade. Você não faz nada de errado, mas a pessoa que está contigo faz você se sentir culpada de tudo. Depois a pessoa que está contigo chora e diz que tem medo de te perder e que nunca mais aquilo vai acontecer, a pessoa fica muito querida por um tempo, parece que tudo fica perfeito mas depois de um tempo novamente ele repete o erro porém pior ainda, fica violento, grita, te segura pelo braço, te tranca dentro do carro e começa a andar em alta velocidade dizendo que se é para morrer vocês vão morrer juntos, que se tu não é dele tu não vai ser de ninguém.” (Comentário 008, gênero feminino).

A palavra homem está ligada às palavras: mulher, achar, querer, ficar, só, existir, dizer, lembrar, deixar, entre outras. Essa relação entre as palavras associadas a homem mostra que existem diversas opiniões a respeito do assunto “relacionamento abusivo”, dando ênfase também, no abuso cometido por mulheres dentro dos relacionamentos. Isso pode ser observado nos comentários relacionados abaixo:

Os resultados apontados através das análises produzidas pelo *software* Iramuteq, demonstraram que muitos comentários analisados eram relatos de pessoas que passaram por uma situação de relacionamento abusivo, e outra parte eram comentários de observações sobre o comportamento abusivo ser praticado também pela mulher e não só pelo homem, como retratado no vídeo. Pode-se observar que alguns comentários analisados encorajavam as vítimas de um relacionamento abusivo a se libertar dessa situação, incentivando-as com relatos de experiências motivacionais, alertando sobre as dificuldades para conseguir romper o relacionamento, mas também enfatizando nos sentimentos de liberdade e leveza em conseguir superar essa situação conflitante. Foi observado também, comentários em que ambos os gêneros ressaltavam a força, coragem e poder para que as mulheres consigam sair do relacionamento abusivo.

DISCUSSÃO

Nas últimas décadas observa-se cada vez mais o avanço da tecnologia no cotidiano. Com isso, a internet vem transformando a vida social, junto com a tecnologia, em um ambiente virtual com diversidade de possíveis interações. É observável que muitas ações do espaço físico podem ser substituídas dentro do ambiente virtual, contribuindo assim, para o surgimento da cibercultura (Mesquita et al., 2018). A tecnologia contribuiu também, com ênfase nas redes sociais, na disseminação de estratégias de marketing de empresas e do governo, onde é possibilitado acesso a comentários instantâneos, positivos ou negativos a respeito das publicações. O uso da internet proporciona a expressão e sociabilização através das redes sociais, onde é criado uma persona resultante de um perfil ou página pessoal. Apesar das redes sociais possuírem suas regras, sendo possível denunciar publicações que ofendam grupo ou pessoa, ou incitem ação criminosa, é comum observar comentários que disseminam o discurso de ódio (Stein, Nodari & Salvagni, 2018).

De acordo com Stein, Nodari e Salvagni (2018), o discurso de ódio tem o intuito de diminuir a autoestima das vítimas, desqualificando e inferiorizando a pessoa ou grupo, intensificando assim os estigmas sociais,

muitas vezes acompanhados de termos pejorativos e preconceituosos. Essa ação, consiste na incitação à discriminação racial, social ou religiosa, voltada para determinados grupos, considerados minoria. A violência apresenta-se instrumental e a dominação se dá pela coerção. Segundo Arendt (2009), o domínio que ocorre pela violência se instala onde o poder vem sendo perdido, o que se explica socialmente pelas transformações sociais. Além disso, para Chauí (1985), há uma ideologia que define a condição feminina inferior a masculina e que, assim, a mulher deveria ser submissa ao homem. No presente trabalho, foi possível a identificação de discurso de ódio voltado para o público feminino cometido por ambos os gêneros, especialmente na Classe 2 da CHD, havendo comentários banalizando a violência psicológica, diminuindo mulheres que vivem em relacionamentos abusivos e diversas críticas a respeito do tema analisado. Assim, os comentários na mídia, ao mesmo tempo que produzem a banalização, refletem a banalização existente.

Ainda que observado o discurso de ódio presente em alguns comentários, verificou-se que há mais comentários positivos, de suporte e apoio ao tema do vídeo e as vítimas, do que comentários negativos. Os comentários que relataram a experiência de viver um relacionamento abusivo, buscando incentivar as vítimas desse tipo de violência a perceber essa situação e se fortalecer para conseguir se libertar dessa relação. Também haviam comentários que elogiavam o vídeo publicado e exaltavam a importância da discussão desse tema, tão presente socialmente.

Também analisou-se que dos comentários negativos, a maioria foi feita pelo gênero masculino, em que muitos desvalorizavam a situação da vítima que passa pelo abuso da violência psicológica, e a diferença de percepção de homens e mulheres em relação a este tipo de violência. Com essa análise pode-se partir do pressuposto que o papel internalizado de gênero em homens e mulheres poderia influenciar em como as agressões são percebidas – de forma mais ou menos “natural” – dentro dos padrões relacionais legitimados socialmente (Cunha, 2016).

Através dessa análise, pode-se identificar a questão cultural associada à violência contra a mulher, principalmente a violência psicológica, que é o tema do vídeo. Alguns comentários mostram pessoas que se identificaram

com os comportamentos do abusador apresentado no vídeo, reconhecendo que foram pessoas abusivas em seus relacionamentos passados. Observou-se também comentários que expressavam opiniões contrárias à mensagem do vídeo, criticando o conteúdo e menosprezando a relação abusiva apresentada.

Esses comportamentos observados nesses comentários podem ser relacionados com a cultura patriarcal em que nossa sociedade está inserida. De acordo com Balbinotti (2018) a cultura patriarcal é um tipo de organização social em que as relações são instituídas através de dois princípios: mulheres são hierarquicamente subordinadas aos homens e jovens são hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. O patriarcado traz consigo diversos estigmas, dentre eles o maior valor às atividades masculinas em comparação às atividades femininas, enfatizando o controle do homem com relação à sexualidade, corpo e autonomia das mulheres. Estereótipos construídos a partir desta cultura incentivam os homens a exercer sua masculinidade através de atos agressivos e as mulheres a se mostrarem submissas e dóceis (Sant'anna & Penso, 2015).

Pode-se observar que ainda atualmente, vive-se em uma cultura machista e misógina, podendo ser constatada através de “brincadeiras” infantis a propagandas veiculadas na mídia que mostram diariamente que as mulheres ainda se encontram numa posição “inferior” aos homens. Desde comentários corriqueiros como “mulher no volante, perigo constante” a pessoas que não confiam em profissionais (por exemplo, médicas ou policiais) pelo simples fato de serem mulheres. Se faz salientar que o machismo está intrincado muito fortemente na cultura brasileira (Souza, Silva, & Abreu, 2017).

Dentro dessa cultura, que pode ser observado em alguns comentários analisados, existe uma pressuposição social e cultural de que o homem deve usar a agressão para ter o domínio sobre a mulher e esta, por sua vez, deve suportar tais agressões por se tratar do seu destino (Sant'anna & Penso, 2015). A questão cultural por trás da violência contra a mulher normaliza os comportamentos violentos do homem. Dentre tais comportamentos, destaca-se o homem que dita as vestimentas da mulher, a ideia do homem que deve ser obedecido, a exigência da maternidade, entre outros (Guahyba,

Scheeren, & Falceto, 2019). Desta forma, a violência tem como intuito o ataque ou destruição ao subjetivo da mulher, sua afetividade e seus pensamentos (Balbinotti, 2018).

Conforme Sant'anna e Penso (2015), a incorporação dessa lógica patriarcal é caracterizada como uma violência simbólica, pois proporciona aval para a dominação masculina na medida em que prevê a adequação da mulher às normas impostas pelo discurso masculino. No resultado da análise textual, realizada com os comentários selecionados, pode-se observar comentários que culpabilizam a vítima por ela estar passando por aquela situação, outros comentários que minimizam ou justificam os comportamentos abusivos do agressor. Uma vez que a violência é um mecanismo social disciplinar de correção das mulheres usado pelo patriarcado para mantê-las subordinadas, esse comportamento é difícil de ser mudado (Meneghel & Margarites, 2017).

Alguns comentários analisados expressam que a cultura patriarcal e a violência de gênero ainda fazem parte do discurso para justificar a violência contra a mulher, consequentemente, contribuindo para a banalização desse tipo de violência. Conforme Paulino-Pereira, Santos e Mendes (2017), a violência de gênero é um fenômeno psicossocial que se articula com as questões políticas, econômicas, morais, psicológicas, institucionais das relações humanas e pessoais.

Mesmo com toda a questão cultural por trás dos comentários negativos, o apoio às vítimas e incentivo a sair dessa situação fazem parte da maioria dos comentários, mostrando que a violência contra a mulher, mais especificamente a violência psicológica, é um tema de grande relevância para a sociedade e está sendo debatido, contribuindo para que agressores e vítimas tomem consciência e se percebam como tais, sendo parte essencial do diagnóstico e consequentemente do combate ao problema. (Cunha, 2016).

Após a promulgação da Lei Maria da Penha, as vítimas de qualquer tipo de violência doméstica e familiar contra a mulher, devem receber atendimento de uma equipe multidisciplinar, pois a lei normatiza a atuação de diversos atores que intervêm no âmbito da violência doméstica e familiar contra a mulher, tanto no sistema judicial, como na saúde e na assistência

social, cobrindo um arco que envolve defesa e promoção de direitos, bem como responsabilização. A eficácia e a efetividade almejadas dependem não apenas do desempenho de cada um desses atores, mas também do grau de articulação e coordenação deles (Coimbra, Ricciardi, & Levy, 2018).

A atuação do psicólogo junto a essa equipe multidisciplinar deve oferecer informações sobre a rede de atendimento para construir juntamente com a vítima um plano de enfrentamento à violência. Além de potencializar a crítica social sobre o papel da mulher na sociedade e sobre as formas que esta sociedade cria para enfrentar a violência (Conselho Federal de Psicologia, 2012).

O psicólogo diante de casos de violência doméstica e familiar contra a mulher auxilia na identificação dos sinais de que uma mulher está em situação de violência ou para avaliar as possibilidades de que a violência possa vir a ocorrer. A intervenção psicológica deve ocorrer no sentido de auxiliar a mulher a desenvolver condições para evitar ou superar a situação de violência, a partir do momento em que favorece o seu processo de tomada de consciência (Conselho Federal de Psicologia, 2012). Em situações como essa, o acolhimento psicológico e seus derivados métodos de aplicação pode ser descrito como um instrumento facilitador no resgate de uma visão do indivíduo em sua totalidade, pois é visto como um diálogo confidencial entre o(a) acolhido(a) e o acolhedor, cujo objetivo é o de auxiliar para que o oprimido possa ser capaz superar o seu estado de estresse e tome decisões saudáveis no que se refere à demanda explicitada, o que poderá viabilizar a mediação de conflitos ou, ainda, a resolução de problemas. (Adames, Bonfíglio & Becker, 2018)

O psicólogo também pode auxiliar no fortalecimento da subjetividade para entender, criticar e enfrentar a sociedade, assim como apresentar a esta mulher os dispositivos (institucionais, egóicos e comunicacionais) que permitam a produção de mudança, de transformação da sua vida e da sociedade (Conselho Federal de Psicologia, 2012).

Como forma de prevenção para esse tipo de violência, é necessário um trabalho que envolva também os agressores, que na grande maioria são homens. As construções de masculinidade perpetram essa violência e desempenham um papel crucial nas suas formas. Os homens também

têm a ganhar com a diminuição da violência, tanto em relacionamentos mais saudáveis, quanto em uma maior liberdade em relação às “definições dominantes de masculinidade”. Nesse sentido, só será possível prevenir violências se atitudes forem mudadas, bem como identidades e relações que encorajam violência, pois a linguagem relacional violenta não se modifica sem mudanças de percepção dos atores envolvidos (Nothaft & Beiras, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central da pesquisa que era analisar os comentários publicados em mídias sociais relacionados à violência contra a mulher e sua associação à violência psicológica. Através dos resultados obtidos com essa pesquisa foi possível concluir que o ambiente virtual é um espaço em que as pessoas se expressam, interagem com outras e formam sua opinião sobre determinado assunto. Os comentários analisados mostram que a violência psicológica e o relacionamento abusivo ainda são questões que envolvem convicções pessoais, e em muitos casos, pautados em referências de uma cultura que vê a mulher em uma posição inferior ao homem. Considerando os comentários da Classe 2 da CHD, infere-se que esse discurso permeado por crenças pessoais podem levar a uma banalização da violência psicológica, pois há um desmerecimento da mesma, como se fosse algo inferior a uma violência física. Por outro lado, na Classe 1 da CHD é possível observar que diversas mulheres se identificaram e reconhecem que passaram por isso em suas relações.

Porém, foram analisados muitos comentários positivos, que incentivavam as vítimas de um relacionamento abusivo a sair dessa situação, mostrando que é possível se libertar do abusador. Assim, entende-se que os objetivos específicos, que eram - verificar se os comentários em mídias sociais abordam uma banalização da violência contra a mulher e do relacionamento abusivo; analisar se há mais suporte ou mais críticas em resposta a esses comentários relacionados a violência contra a mulher nas mídias sociais; analisar os comentários classificados como críticos ao tema do vídeo- foram cumpridos.

Considerando as hipóteses postuladas para essa pesquisa, pode-se afirmar que em muitos casos a violência psicológica é menosprezada, pois se entende a violência doméstica como sinônimo a violência física, confirmando assim as hipóteses (i). Ao analisar os comentários da publicação escolhida, percebeu-se que, apesar de haver muitos comentários criticando o conteúdo do vídeo, encontraram-se mais comentários positivos, demonstrando suporte às vítimas. Encontraram-se poucos comentários tratando o tema com humor ou satirizando o tema e a situação apresentada no vídeo, refutando dessa forma as hipóteses (ii) e (iii).

Enfatiza-se que como sugestão para a próxima pesquisa, trabalhar a respeito do impacto que a violência psicológica causa nas mulheres, tendo como possibilidade o trabalho em campo. Acredita-se que o trabalho em campo é acompanhado de grande responsabilidade e sendo praticado presencialmente, é possível a obtenção de resultados consistentes e o mais importante, realizar o acolhimento para as vítimas. Durante a pesquisa teórica sobre o tema, apesar de encontrar material científico a respeito da violência psicológica, percebe-se que ainda é um assunto popularmente pouco conhecido. Por fim, conclui-se que a violência psicológica ainda é um tipo de violência invisível, pois muitas pessoas só consideram violência quando há agressão física, e a violência psicológica ainda é caracterizada como o cuidado com a(o) companheira(o), sendo considerada uma forma de amar.

REFERÊNCIAS

- Adames, B., Bonfiglio, S. U., Becker, A. P. S. (2018). Acolhimento psicológico para mulheres vítimas de violência conjugal. *Pesquisas de práticas sociais*, 13(2), e2392. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v13n2/12.pdf>
- Arendt, H. (2009). *Sobre a violência*. Trad. André de Macedo Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Balbinotti, I. (2018). A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo. *Revista ESMESC*, 25(31), 239-264. doi: <http://dx.doi.org/10.14295/revistadaesmes.v25i31.p239>

- Barros, A. A., Carmo, M. F. A., & Silva, R. L. (2012). A influência das redes sociais e seu papel na sociedade. *Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre*, 1(3). Recuperado em 10 de setembro de 2020 de <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/3031>
- Biografia. Instituto Maria da Pena (2018).
- Campos, M. L. (2017). Feminismo e movimentos de mulheres no contexto brasileiro: A constituição de identidades coletivas e a busca de incidência nas políticas públicas. *Revista Sociais & Humanas*, 30(2), 35-54. doi: <http://doi.org/10.5902/2317175827310>
- Chauí, M. (1985). Participando do debate sobre mulher e violência. In: Franchetto, B.; Cavalcanti, M. L. V. C. & Heilborn, M. L. (Orgs.). *Perspectivas antropológicas da mulher IV*. São Paulo: Zahar Editores.
- Coimbra, J. C., Ricciardi, U., & Levy L. (2018). Lei Maria da Pena, equipe multidisciplinar e medidas protetivas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 70 (2), 158-172. Recuperado em 11 de setembro de 2020 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000200012
- Conselho Federal de Psicologia. (2012). Centro de Referência Técnica em Psicologia e Política Pública (Crepop). *Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência*. Brasília, DF: CFP.
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). Resolução nº 510/2016, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Recuperado de: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

- Corrêa, M. V., & Rozados, H. B. F. (2017). A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, 22(49), 1-18. doi: <http://doi.org/10.5007/1518-2924.2017v22n49p1>
- Cunha, M. L. G. (2016). A percepção social da violência psicológica contra a mulher. (Monografia de especialização, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil). Recuperado em 12 de maio de 2021 de <http://www2.eca.usp.br/pospesquisa/monografias/Maria%20Luciana%20Garcia%20Cunha.pdf>.
- Curty, L., Crespo, M., Brito, I. S., Moreira, R. V., & Cabral, H. L. T. B. (2018). O papel das redes sociais no combate ao feminicídio. *Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online*, 7(1), 1-6. Recuperado em 10 de setembro de 2020 de http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/15069
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2019). *Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil*.
- Guahyba, B. L., Scheeren, P., & Alceto, O. (2019). Feminismo na Terapia Familiar. *Pensando Famílias*, 23(1), 213-224. Recuperado em 15 de outubro de 2020 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n1/v23n1a16.pdf>
- Guimarães, M. C., & Pedroza, R. L. S. (2015). Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. *Psicologia e Saúde*, Belo Horizonte, 27(2), 256-266. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p256>
- Krug, E. G. et al. (eds.) (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.
- Meneghel, S. N., & Margarites, A. F. (2017). Feminicídios em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: iniquidades de gênero ao morrer. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(12). doi: <http://doi.org/10.1590/0102-311x00168516>

- Mesquita, R. F., Matos, F. R. N., Machado, D. Q., Sena, A. M. C., & Baptista, M. M. R. T. (2018). Do espaço ao ciberespaço: sobre etnografia e netnografia. *Perspectivas em Ciências da Informação*, 23(2), 146-165. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2998>
- Paulino-Pereira, F. C., Santos, L. G. A., & Mendes, S. C. C. (2017). Gênero e identidade: possibilidades e contribuições para uma cultura de não violência e equidade. *Psicologia & Sociedade*, 29(e172013). doi:<http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i172013>.
- Quebrando o Tabu. [quebrandootabu] Não confunda amor com abuso. Recuperado em 10 de junho de 2020. Facebook. https://www.facebook.com/watch?ref=search&v=1810005585722487&external_log_id=af38ab3a-ba55-40af-9757-a575c2034d7a&q=n%C3%A3o%20confunda%20abuso%20com%20amor.
- Queiroz, F. M., Diniz, M. I., Costa, I. M. H., Almeida, J. V. S., Pereira, J. L. F., Leite, M. H. M. (2019). *Em briga de marido e mulher se mete a colher: Mapeamento analítico dos serviços de prevenção e combate às violências contra as mulheres no Rio Grande do Norte*. 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Brasília DF. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/1172/1150>
- Queiroz, R. A., & Cunha, T. A. R. (2018). A violência psicológica sofrida pelas mulheres: Invisibilidade e memória. *Revista NUPEM*. Campo Mourão, 10(20), 86-95. doi: <http://doi.org/10.33871/nupem.v10i20.310>
- Nothhaft, R. J., Beiras, A. (2018). O que sabemos sobre intervenções com autores de violência doméstica e familiar? *Revista Estudos Feministas*, 27(3), e56070. Doi: <http://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n356070>
- Salviati, M. (2017). E. Manual do Aplicativo Iramuteq: compilação, organização e notas. In: *Iramuteq.org*. Planaltina, DF.
- Sant'Anna, T. C., & Penso, M. A. (2015). A violência contra a mulher na perspectiva da terapia feminista da família. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 24(53), 95-110. Recuperado em 16 de outubro de 2020 de <https://revistanps.com.br/nps/article/view/149>

- Silva, A. L. S., Medeiros, D. P. A., Nascimento, V. M. S., & Duarte, C. R. F. (2018). A percepção das mulheres vítimas de violência psicológica: uma revisão integrativa. *Anais III Conbracis*. v. 1. Recuperado em 10 de outubro de 2020 de <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/40641>
- Silva, S. A. (2015). Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. *Intercom – RBCC*. São Paulo, 38(2), 339-342. doi: <https://doi.org/10.1590/1809-58442015217>
- Souza, M. B., Silva, M. S., & Abreu, G. S. (2017). Violência Doméstica Entre Parceiros Íntimos: Questões Culturais e Sociais acerca de Homens Autores de Violência. *Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 11(38), 388-407. doi: <http://doi.org/10.14295/idonline.v11i38.897>
- Stein, M., Nodari, C. H., & Salvagni, J. (2018). Disseminação do ódio nas mídias sociais: análise da atuação do social media. *Interações*, Campo Grande, 19(1), 43-59. doi: <http://doi.org/10.20435/inter.v19i1.1535>
- Tipos de violências. Instituto Maria da Penha (2018).
- Venturi, G.; Godinho, T. (2013). Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Edições Sesc SP. *Revista Espaço Acadêmico*, 13(150), 108-109. Recuperado em 09 de setembro de 2020 de <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/22393>
- Vieira, P. R., Garcia, L. P., & Maciel, E. L. N. (2020). Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23(E200033), 1-5. doi: <http://doi.org/10.1590/1980-549720200033>

Recebido em 10/12/2020

Aceito em 18/04/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.